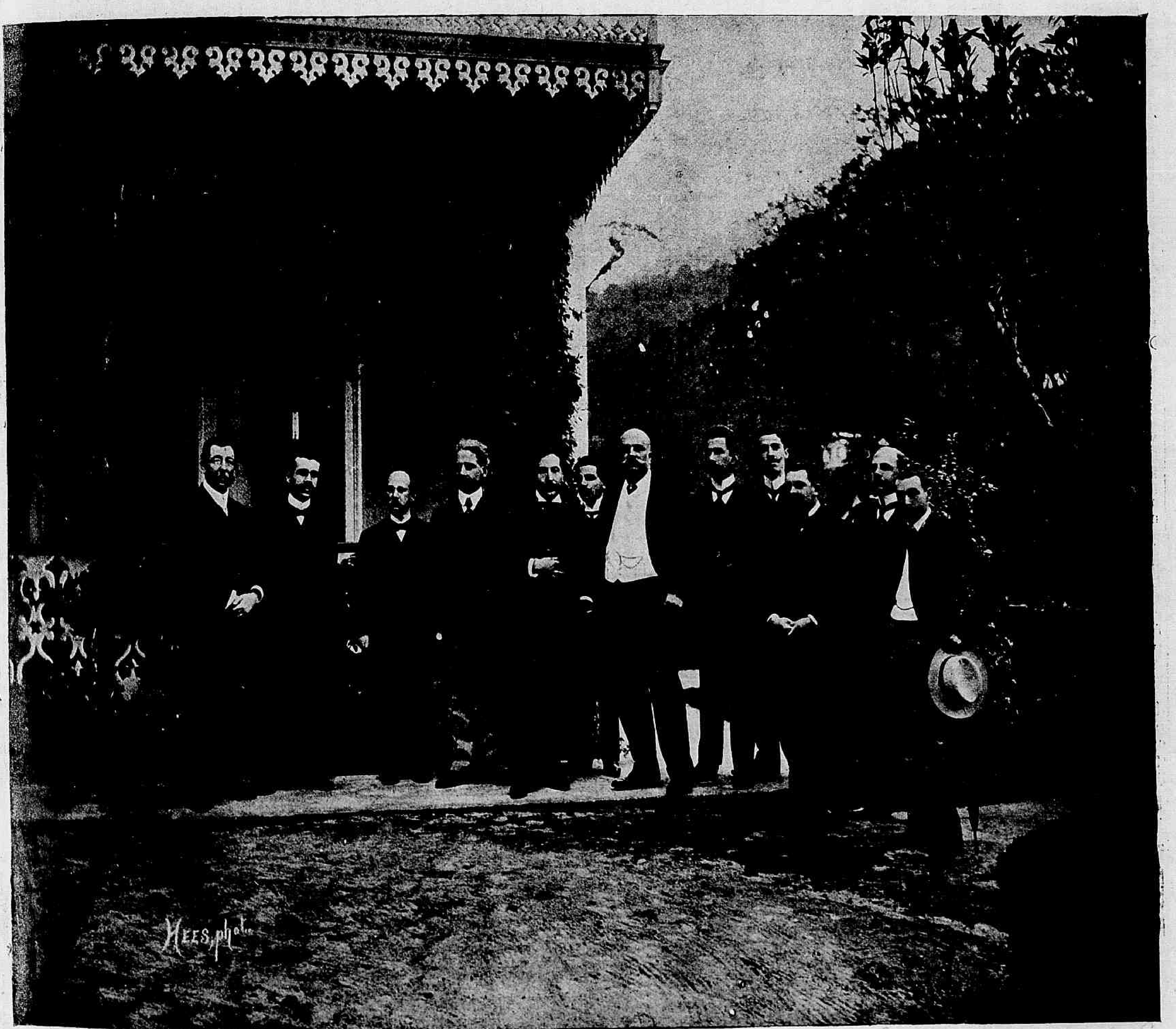
REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Anno IV — N. 189 | DOMINGO, 27 DE DEZEMBRO | Numero: 300 réis

BRASIL--BOLIVIA

Os negociadores do Tratado d› Petropolis e os seus auxiliares. (Na residencia do Barão do Rio Branco, rua Westphalia 5, em Petropolis. Photographia tirada em 17 de Novembro de 1903, data da assignatura do Tratado).



Da esquerda para a direita:

1—Senador Fernando Guachalla, ministro da Bolivia em missão especial, um dos plenipotenciarios.

2—Ernesto Ferreira, 1º official da Secretaria das Relações Exteriores, servindo no Gabinete.

3--Contra-almirante José Candido Guillobel, consultor technico.

4—Dr. J· F. de Assis Brasil, ministro do Brasil nos Estados-Unidos da America, um dos plenipotenciarios.

5—Dr. Claudio Pinilla, ministro das Relações Exteriores da Bolivia um dos plenipotenciarios.

6—Zacharias de Góes, amanuense da Secretaria das Relações Exteriores, servindo no Gabinete.

7—Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores do Brasil, um dos plenipotenciarios.

8 Domicio da Gama, 1º secretario de legação, servindo no Gabinete,

9—Campos Paradeda, 1º official da Secretaria das Relações Exteriores, servindo no Gabinete.

10—Pecegueiro do Amaral (Raymundo), 1º official da Secretaria das Relações Exteriores, servindo no Gabinete.

11—Paula Fonseca, 1º official da Secretaria das Relações Exteriores servindo no Gabinete.

12—EmilioFernandes, secretariodos plenipotenciarios bolivianos.

Rio Grande do Norte — Dr. Almeida Castro, chefe do partido republicano em Mossoró

Boas palavras

A saude do corpo que dá a virtude, é causa altamente productora. A destreza e a força dão resistencia para trabalhar e produzir trabalhando. O homem robusto vale mais que o enfermo. Ao enfermo se descerram nesta vida as glorias reservadas ao philosopho dedicado ao estudo. O enfermo, por muito boa vontade que tenha, é impotente para fazer o bem, como de outro modo o faria; e não pode lutar por incapaz para a vida agitada, que requerem o choque de idéas encontradas e o rapido desenvolvimento das sciencias.

O enfermo pelos vicios se empobrece e succumbe sob todos os aspectos. *A luta pela existencia* faz frente á vida; e se as aspirações crescem, e os meios de subsistencia sobem de valor, á medida que diminue a producção pela falta de trabalho, vem de prompto o desequilibrio com sua espantosa cohorte de miserias, dores e amarguras. Pobres operarios enfermos!

Sejamos virtuosos para sermos fortes no organismo, instrumento de manifestação, para que o espirito trabalhe.

A embriaguez, a gula, a luxuria, esgotam as forças, embrutecem e fazem aos povos e aos individuos perecer no lodo da miseria espiritual e corporal, como nol-o ensina a historia nas sociedades caducas.

A illustração e o cultivo intellectual de cada um, abrem novos caminhos, para que appliquemos nossas forças, conforme as leis do trabalho, para que este seja sempre proveitoso e não prejudicial. Os povos mais cultos são os mais ricos. Os ignorantes e aferrados ás vetustas tradições fazem entre si impossiveis os desenvolvimentos industriaes. O que se diz do povo é applicavel ao individuo. O amor ao bello mediante o aperfeiçoamento do gosto e os requintes da arte, augmenta o consumo, dá sahida aos productos elaborados no *atelier* do artista, estimula o trabalho deste, e é causa das grandes riquezas; entretanto, a grosseria, a brutalidade e o carinho ao antigo só engendram apathia, gostos depravados artisticamente fallando-se e paralysação das forças creadoras da riqueza.

A virtude da piedade nos inspira o afan de realizar em nós outros a vida harmonica, satisfazendo em justa medida nossas necessidades, e isso nos induz á economia, á boa ordem do consumo, e portanto a equilibrar todas as espheras da producção, methodisando-a, aperfeiçoando-a e descobrindo mais e mais o segredo de sua mais proveitosa execução. A irreligiosidade perturba o progresso, debilita a idéa do dever, condição indispensavel do trabalho, torce o sentido da liberdade e da ordem autoritaria, engendra a intolerancia, mata o direito individual até a não respeital-o, e com estes elementos ataca visivelmente a propriedade. Como atacar a propriedade é ferir por sua base a sociedade, que subsiste por aquella, resulta que o irreligioso é anti-social.

O atheu, o sacrilego, o indifferente, o supersticioso criam embaraços ao desenvolvimento da livre producção; olham com indifferença ao proximo escravisado pelo vicio e as preoccupações, e não cumprem, nem fazem cumprir os fins da vida, que são o progresso, o melhoramento, tomando a Deus pelo supremo idéal; fins para os quaes é necessario satisfazer as necessidades legitimas de todo o genero, e isto não se alcança sinão com elementos de riqueza creados. O dinheiro não é o fim da vida, mas um meio de realizal-a harmonicamente. O dinheiro não é o que mais vale, ainda tomado como representante unico de valores, mas é necessario para a luta da existencia. Pois bem, a religiosidade bem entendida nos dará dinheiro, porque nos dará intelligencia, força e bondade; e com a bondade, a força e o talento nos dará meios para trabalhar utilmente, para alcançar credito, para conquistar boa reputação, para adquirir clientella e fama em nosso labor. A equidade, a constancia, a perseverança, o cumprimento stricto de todos os deveres, são dinheiro, porque são thesouros. A riqueza em moedas a traça a corrompe; mas a riqueza em virtude sempre disposta á permuta é incorruptivel. Quanta razão tinha Jesus ao dizer-nos: *não vos inquieteis pelo que haveis de comer ou de beber; não tenhais thesouros na terra—mas preparae-os para o Céo.*

Com effeito, preparando-se o thesouro da virtude, o mais virá naturalmente.

* * *

Havendo cuidado em conservar o vigor, a saude, em preparar o entendimento de modo a adquirir os meios de vida pelas aptidões colhidas em qualquer genero de trabalho util, o homem disporá precisamente de um thesouro melhor do que o que puder ser enterrado.

* * *

A Providencia é summamente sensivel a fazer-nos rico materialmente, se assim nos convem em um momento dado, por meio dos mais sensiveis trabalhos.

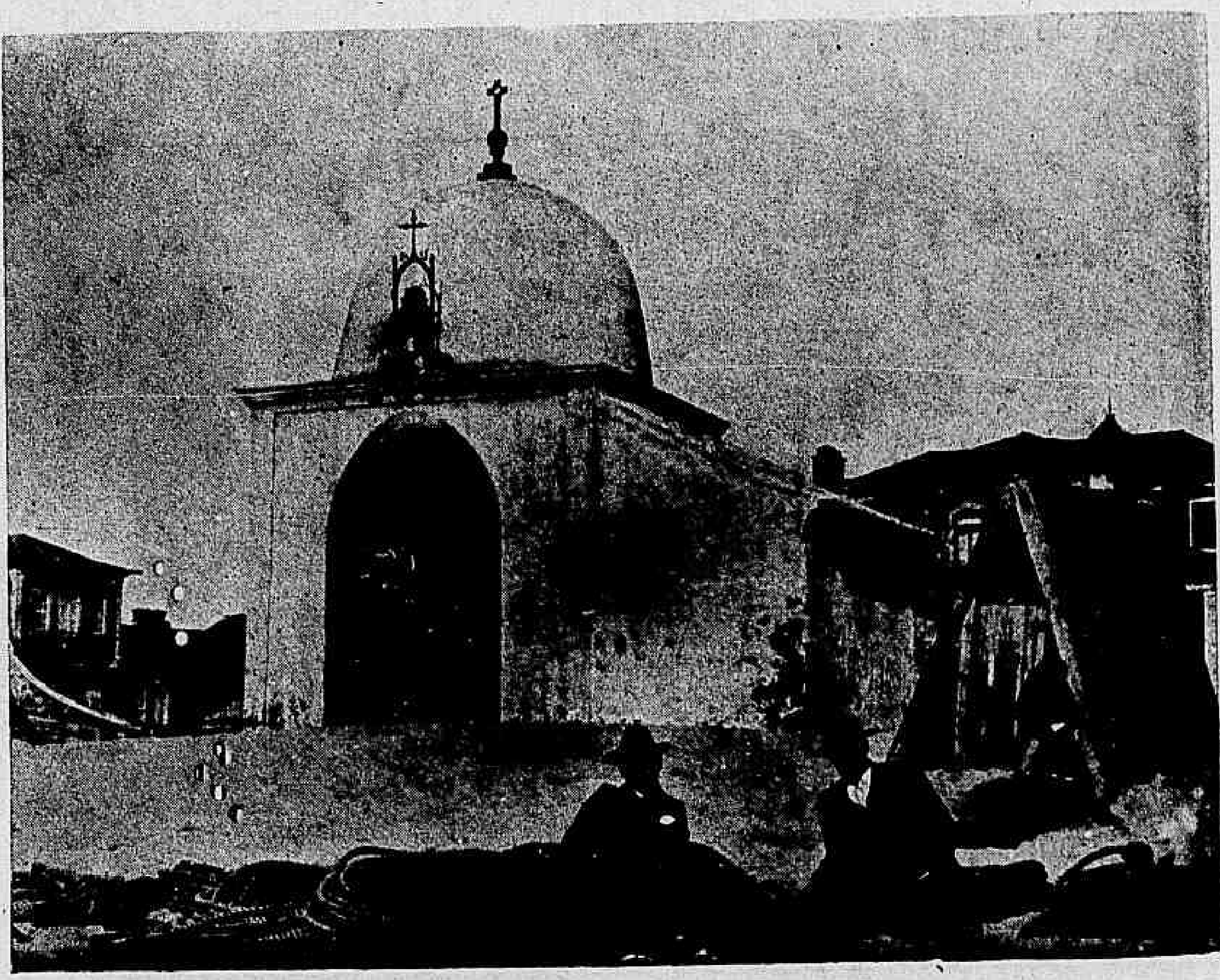
Ao tratar este ponto economico seria preciso fazer entrar na balança das leis do trabalho as provas do espirito fatalmente impostas em uma existencia, pois que nem tudo é liberdade na ordem universal.

Com o andar do tempo, a crença na communicação com os espiritos prestará bons serviços aos economistas. Mas volvamos ao thema de demonstrar que a virtude é forte de riquezas; e quando encontramos excepções algum tanto duvidosas de explicação, como succede quando vemos homens honradissimos que quanto mais trabalham menos ricos ficam, saindo sempre mal nos negocios, devemos recorrer ás fontes de inspiração que melhor demonstrem em economia social o que aos mundanos sabios é impossivel.

Quando o homem ama a seu semelhante, exercendo a caridade em seus infinitos aspectos, cria grandissimas riquezas moraes e materiaes.

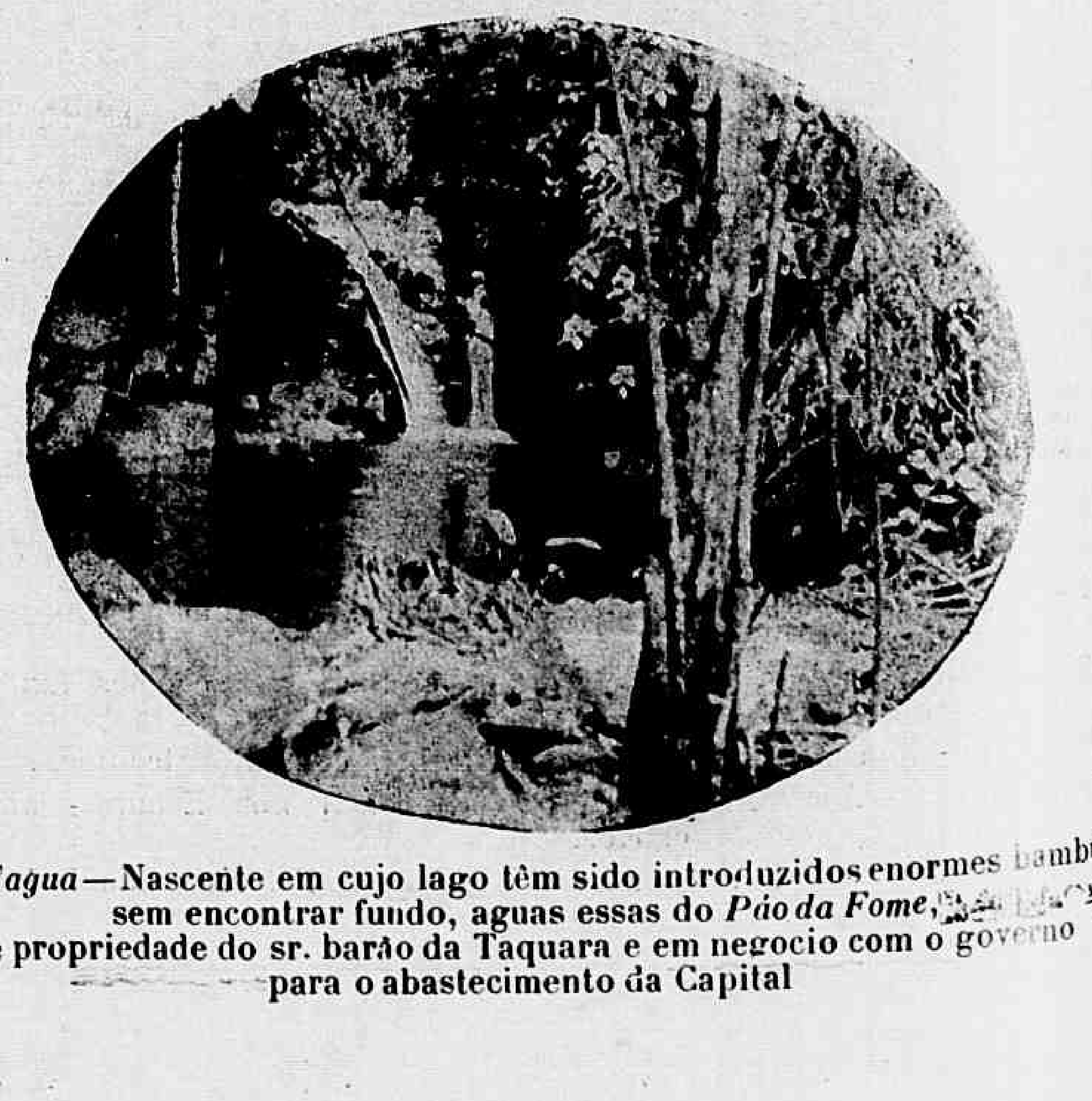
O que ama augmenta as causas productoras e faz a acção destas mais productiva. Estende o conhecimento das theorias. Explica o resultado dos ensaios agricolas e industriaes com sua experiencia. Estimula o trabalho, com o exemplo Modifica os costumes sociaes, que influem notavelmente no

Rio Grande do Norte – Dr. João Escossia, redactor-chefe do *Mossoróense*



Portugal — Ovar — Capellinha da Costa do Furadouro, depois de reformada

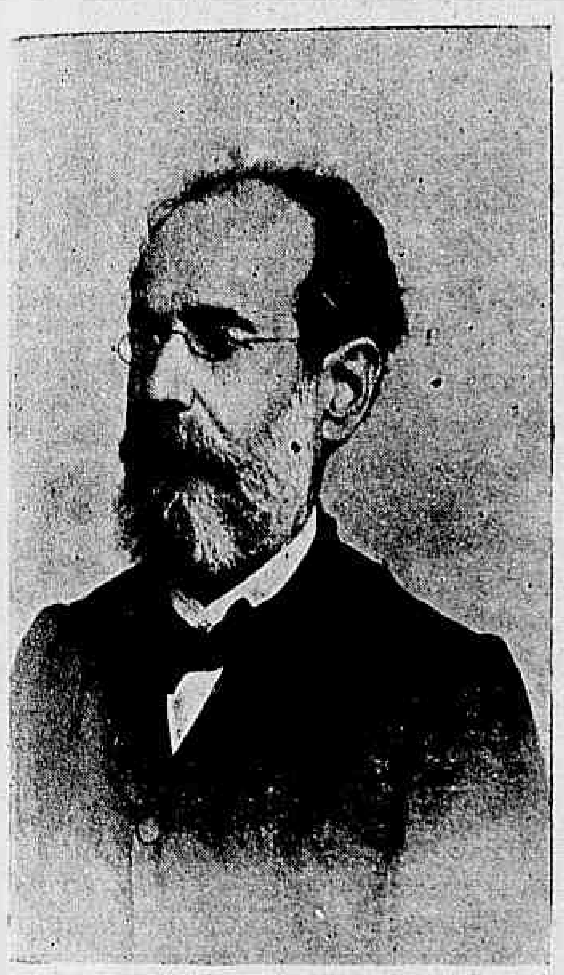
Fazenda do *Páo da fome* — **Casa da fazenda da *Mãe-d'agua*, propriedade do sr. barão da Taquara, em Jacarépaguá**



Mãe-d'agua — **Nascente em cujo lago têm sido introduzidos enormes bambús, sem encontrar fundo, aguas essas do *Páo da Fome*, [illegible] de propriedade do sr. barão da Taquara e em negocio com o governo para o abastecimento da Capital**

trabalho, pois que se adquirem habitos de ordem e de bondade. Alenta o aperfeiçoamento artistico, encarecendo a necessidade de unir o bello ao util. Activa o consumo, propagando o bom gosto, os progressos industriaes e recommendando ás mãos habeis do obreiro. Dá meios de regeneração e de liberdade, espheras unicas em que vive a fantasia genial, que creia o novo e o maior conveniente. Combate o mal e o erro, como forças negativas e destruidoras. Recommenda a associação de esforços, como a alavanca poderosa da grande industria. Creia o capital e consegue de infinidade de aspirações engrandecer a sociedade.

Somente confiando algumas cifras estatisticas sobre os bancos agricolas, ou ás sociedades cooperativas, em qualidade de propaganda, pode uma intelligencia zelosa do bem, crear um mundo de riqueza em um paiz. Tão grande, tão pasmoso e transcendente é fazer bem ao semelhante, e doutrinar pela senda da luz ao pobre obreiro do campo, que geme açoitado pela miseria, em que se reduziu pela usura da classe exploradora, e o obscurantismo com que o asphyxia a série de erros, que para escravisal-os tem tecido a theocracia.



A. Elias da Silva, fallecido em 17 de dezembro de 1903

Com o amor desapparecerão as causas do desconcerto economico, motivado pela avareza, orgulho, ira e inveja.

O dia em que reinar a virtude no mundo a terra será feliz sob todos os aspectos.

O SENHORIO

(EM DIALOGO)

O senhorio.—O senhor é que quer alugar o terceiro andar da minha casa?

O candidato a locatario.—Sim, senhor.

O senhorio.—Ah! Ah! (*chamando*) O' Francisca, ó pequenos... venham ver este senhor que quer ir para o terceiro andar (*a mulher e os pequenos veem ver o candidato a inquilino.*) Agora já viram, vão-se embora... Deixem-me interrogal-o.

O candidato (*aparte*). —Interrogar-me? (*alto*). A renda é de 30 libras, não é assim?

Senhorio.—Perdão, perdão, já lá vamos. Quantos annos tem?

Candidato.—Quarenta e dous.

Senhorio.—E' saudavel?

Candidato (*espantado*). — Uma saude de ferro.

Senhorio.—E' vaccinado, é?

Candidato.—Sim, senhor...

Senhorio. — Deixe lá ver os signaes...

Candidato.—Mas...

Senhorio. — Vamos, arregace as mangas... (*vendo os signaes*). Bom-bom, está; mas tem as veias muito cheias... Cuidado com as apoplexias...

Giuseppe Pino, inventor

Candidato —Mas...

Senhorio. — Não gosto de mortes na minha escada...

Candidato. — Perdão, mas eu não tenciono...

Senhorio. — Bem sei, bem sei, todos que morrem de repente não tencionam, mas um bello dia, zás, lá se vão marchando, e desacreditam uma casa...

Candidato.—Pois sim, mas eu não me posso comprometter a não morrer de repente.

Senhorio.—Mas pode-se comprometter a dar todos os dias um passeio até ao fim do Aterro a pé. Promette?

Candidato.—Prometto, está dito. Então são 30 libras...

Senhorio.—Alto lá, ainda não acabei. O senhor a que horas se levanta?

Candidato.—A's 7.

Senhorio.—Passa a levantar-se ás 8 e meia que é a minha hora, para não me incommodar com as botas. De tarde é obrigado a apparecer duas vezes por semana, cousa de uma hora, á janella.

Candidato—A' janella? Para que?

Senhorio.—Para mostrar, com ar risonho, que se dá bem na casa.

Candidato (*resoluto*). — Sim, senhor. Mas se chover?

Senhorio.—Abra um guarda-chuva.

Candidato.—Exactamente, abrirei um guarda-chuva.

Senhorio.—Sabe o voltarete?

Candidato.—Não, senhor.

Senhorio.—Então, ha de aprendel-o para jogar commigo nas noites de inverno.

Candidato.—Sim, senhor aprenderei.

Senhorio.—Ha de obrigar-se, além d'isso, a fazer, por anno, na minha botica, a despeza de 60 mil réis, pelo menos.

Candidato.—Sim, senhor.

Senhorio.—Outra cousa: quando tiver visitas de litteratos ou de artistas, fal-os-ha entrar pela escada da cozinha.

Candidato (*heroico*). — Sim, senhor, tudo isso é muito natural e muito sensato.

Senhorio. — E' verdade. E' assignante do *Diario de Noticias*?

Candidato.—Não, senhor.

Senhorio.—Ha de sel-o para o ler todos os dias e á noite contar-me as noticias.

Candidato.—Sim, senhor.

Senhorio.—Bem; visto estarmos perfeitamente de accordo, tenha a bondade de assignar o arrendamento.

Candidato —Sim, senhor.

Senhorio (*depois de assignado o arrendamento e recebido o dinheiro*).— Ah! esquecia-me uma cousa...

Candidato.—O que foi.

Senhorio. — O senhor ainda me não disse o motivo por que se mudou da casa onde estava.

Candidato (*risonho*).— Por uma bagatella; por ter, em seguida a uma pequena altercação, atirado com o senhorio pela janella fóra!

Gervasio Lobato.

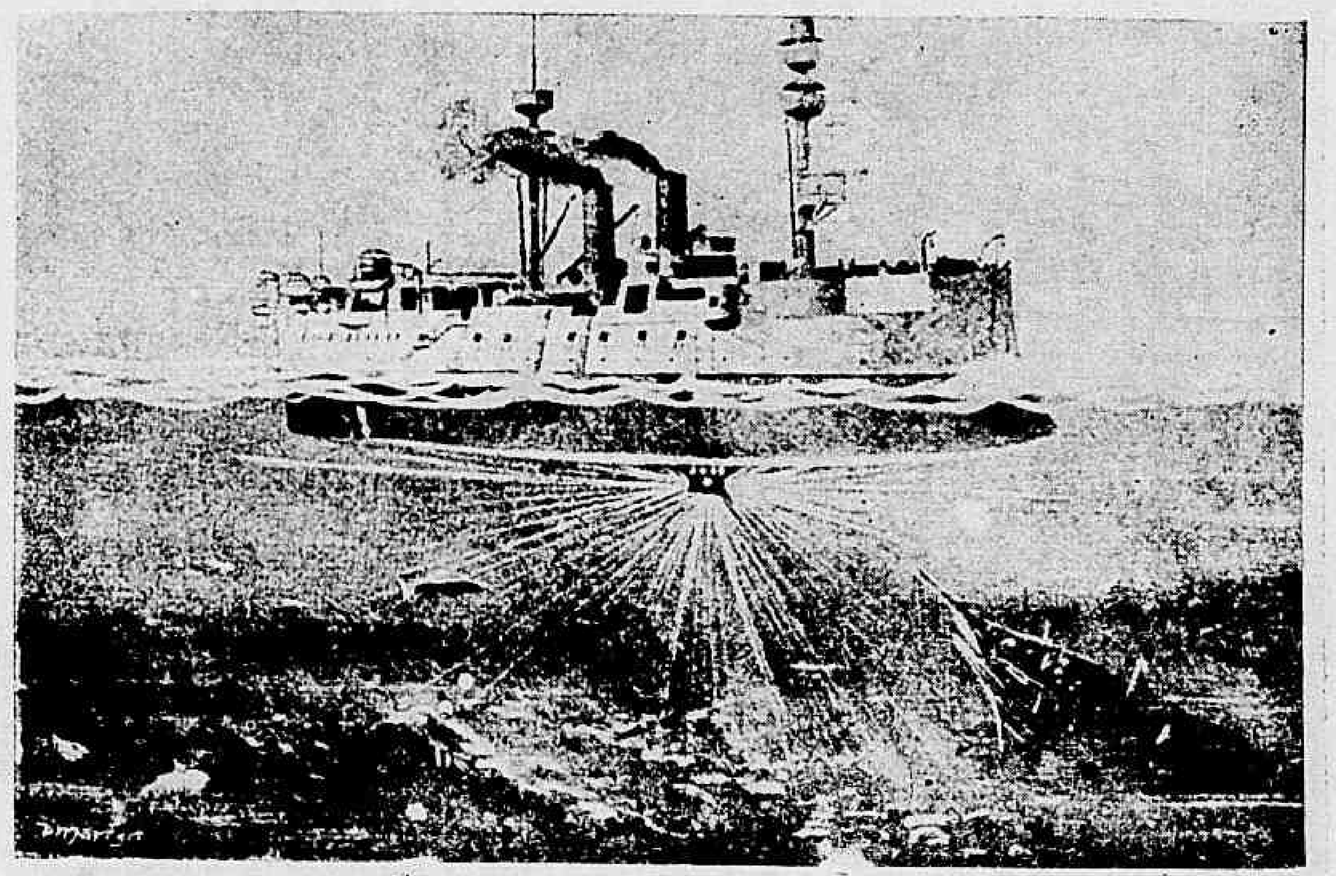
GREMIO DAS CORALINAS

Teve uma fulguração extraordinaria, e foi de um *chic* excepcional a grandiosa *soirée rouge* com que as adoraveis coralinas deliciaram sabbado os seus distinctos *habitués*, que, saudosos, se retiraram da memoravel festa, levando as mais agradaveis reminiscencias.

Todas as graciosas coralinas se apresentaram formosas, catitas e encantadoras, trajadas de um vermelho vivaz e alegre, e seductoras como formosas deusas. Aquelle recanto de S. Christovam parecia um paraiso sublime, uma região de sonhos, onde resaltava a belleza das galantes senhoritas.

Com que *chic* e com que gosto foi preparada aquella festa, onde presidiram o mais desvelado carinho e a mais esmerada confecção. Os salões deslumbravam pela sua engenhosa ornamentação, que era mesmo um mimo, um encanto, como só delicadas mãos sabem preparar. Dansou-se com muita animação até o alvorecer.

Em summa, uma noite cheia de successos!



Um navio munido do hydroscopio, apparelho optico que permitte ver reflectida, sobre um *écran* no convés, a imagem dos objectos a grande profundidade e em todas as direcções através das aguas do mar

Affirmam os bons doutores,
Todos, que a voz é geral,
« Para asthma, caros senhores
Tomem apenas BRONCHIAL! »

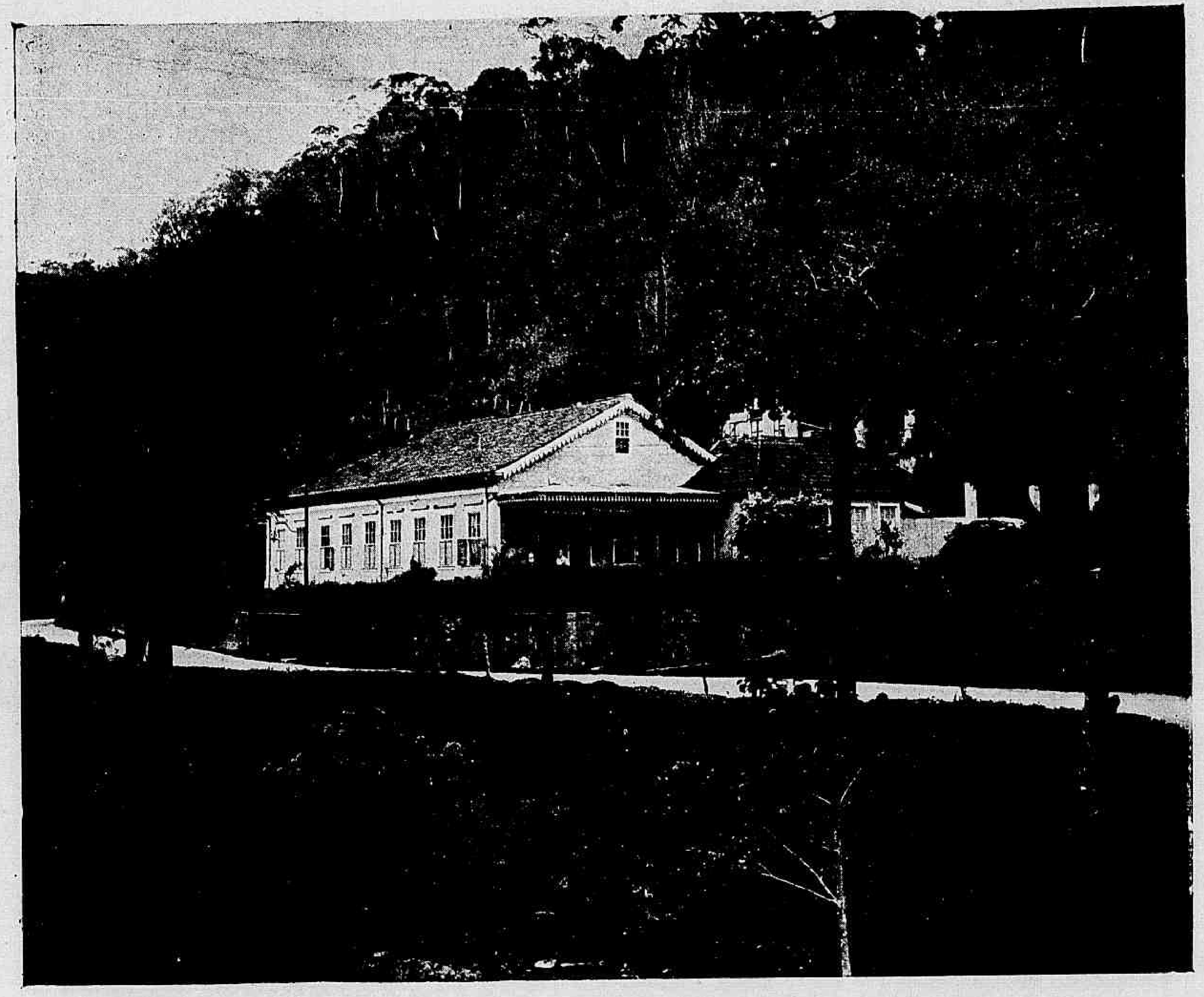
Bronchial — Duzia **24$000 — Vidro 2$500** — Deposito geral: **Pharmacia e Drogaria Silva Irmãos. Rua Primeiro de Março,** 25.

Amazonas — Rio Amazonas.

BRASIL--BOLIVIA

Residencia do Sr. Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, onde foi negociado e assignado o Tratado de Petropolis, de 17 de Novembro de 1903.

O palacete é de propriedade da Exma. Sra. Viscondessa do Cruzeiro, viuva do finado Conselheiro de Estado e Senador do Imperio Jeronymo José Teixeira Junior, Visconde do Cruzeiro e filha do grande estadista brasileiro Marquez do Paraná.



Frente para a rua Westphalia

CARTAS DE UM TABARÉO

AMIGO E COMPADRE

Rio, 4ª semana de dezembro.

HA muito que te não fallo das gréves... Não é que ellas tenham acabado, ou que não mereçam as honras de uma referencia n'estas cartas.

A razão do meu silencio justifica-se pela superveniencia de outros assumptos, a meu ver, mais interessantes.

Alguns operarios conservam-se ainda em parede, se bem que muitos já estejam convencidos de que devem voltar ao trabalho.

Ainda esta semana pretenderam alguns sapateiros reunir-se para formar uma sociedade de auxilio mutuo, que os salvasse dos horrores da *gréve*.

Houve opposição por parte dos que se querem manter nesse estado, intervenção da policia e os mais corollarios.

Prosegue pela imprensa a discussão do negocio do Acre.

Parece-me ser esse trabalho uma especie de preparo para a grande campanha, revista de mostra dos argumentos em que se baseam os que têm a seu cargo o acabar com essa questão, que deve ser resolvida—custe o que custar—para nosso socego e tranquillidade.

O prefeito continúa na sua faina de dar-nos uma cidade á altura de nossa civilisação.

Os actos de s. ex. desafiam opposições, contestações, apodos e tudo quanto a natureza humana é capaz de pôr em evidencia para contrariar as melhores intenções; entretanto, impavidamente, vae s. ex. dando cumprimento ao programma que se traçou, deixando á margem os que o discutem, que o aggridem... e que são incapazes de aguentar o repuxo que s. ex. tem supportado.

Não sei, nem indago, se ha razão nos que combatem os meios de que o prefeito usa para chegar aos fins. Estes é que me interessam.

S. ex. seria o maior dos charlatães, se se compromettesse a indireitar *sem dôr* as tortuosidades desta capital.

Franqueza franca, seu compadre: esta cidade é um verdadeiro monstro de aleijões. Corcunda, strabismo, pernas tortas, ictericia, tudo ella tem. Como endireitar esses defeitos e curar estas mazelas, sem que todo o apparelho organico do doente sinta o ferro do operador, ou a simples imposição das mãos?!

Das mãos da policia escapou-se o assassino do velho *Mossiú*, de Cascadura.

Uma ordem de *habeas-corpus* pol-o na rua.

Qualquer delegado da roça teria achado um meio de, sem burlar a decisão legal do Tribunal, conservar em custodia o perigoso individuo.

Era tão facil soltal-o, mettel-o n'um *rolo*, á porta da prisão e embrulhal-o n'um auto de flagrante...

Em todo caso não devo pôr minha alma no inferno, acceitando como boa a confissão que dizem foi feita pelo indiciado.

Os factos de intervenção do *demonio da perversidade*, de que tratou o tetrico fantasista Poe, são tão raros, que não devemos crel-os sem que estejamos convencidos por outros elementos que os corroborem.

—

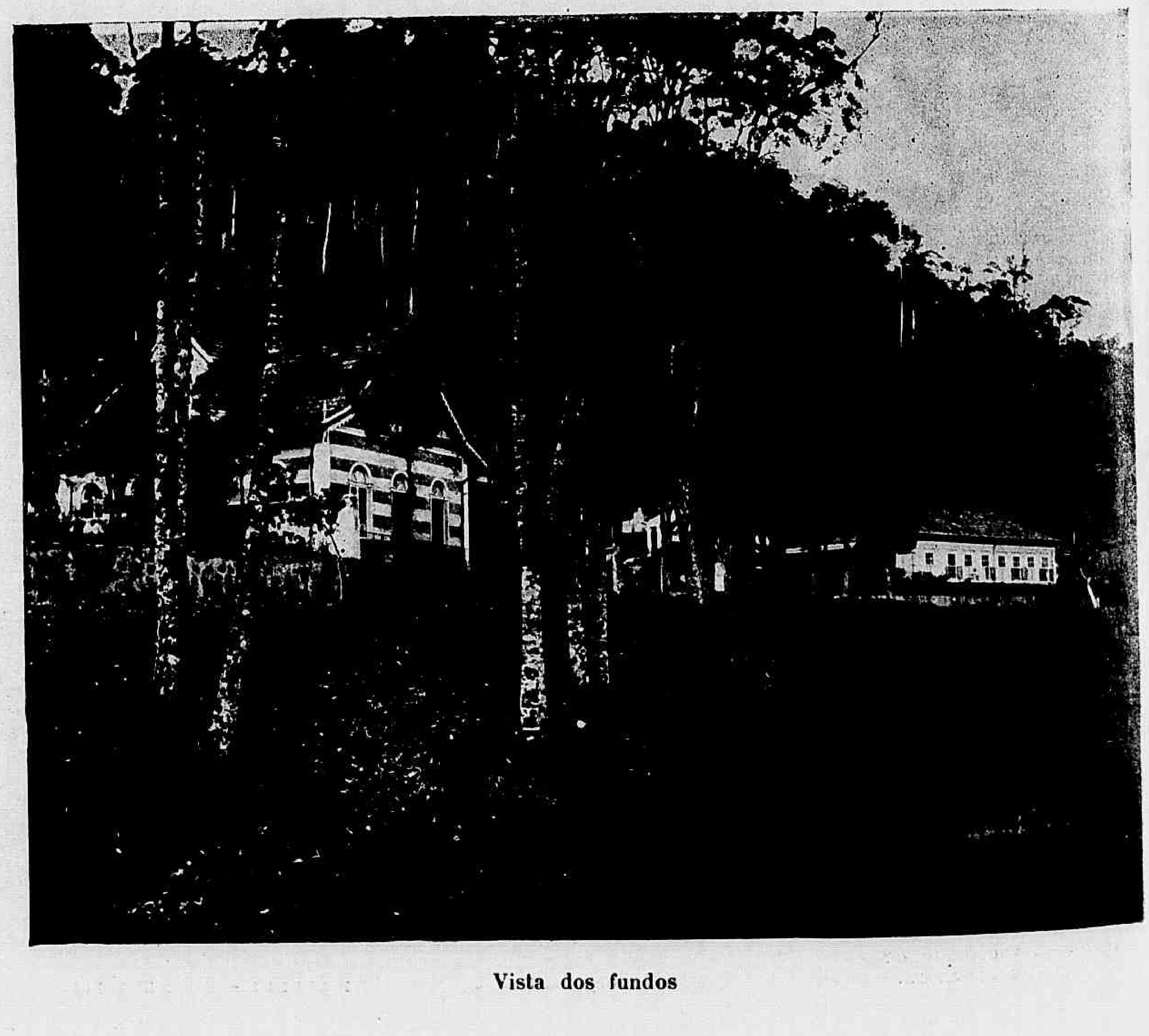
Esta receberás no dia seguinte ao do Natal. Quer isto dizer que só para o anno poderei dar-te noticias da festa dos «pobres e das crianças», do *Jornal do Brasil*.

A julgar pelos preparativos deve ser uma cousa deslumbrante.

Tambem a rapaziada não descansa em obter meios de tornar o mais risonho possivel para os infelizes o anniversario do Redemptor do mundo.

Bem haja aos que, a coberto das necessidades, têm um momento para olhar os que se debatem na miseria; esses serão felizes.

E tu, meu bom compadre, és feliz



Vista dos fundos

tambem porque ahi estás, cercado dos teus, sem ambições nem pezares, repetindo hoje o que fizestes hontem, n'uma monotonia sorna, mas muito sã, muita pura, sem a preoccupação de um máo sonho, sem palpites pelo bicho que deve ganhar hoje.

Conserva-te assim se queres continuar a gozar a vida e que nunca te passe pela mente a idéa de te fazeres tabaréo na cidade.

Adeus

Sempre teu

Bermudes.

O LEQUE

Aqui têm as damas o seu entretenimento mais predilecto: um leque. Se não fôra elle, esse pequenino objecto de côres e fórmas, desenhos e materias primas tão variadas e caprichosas, o que seria de vós, as mais das vezes?

Que relevantes serviços deveis a um leque!

Elle é, por assim dizer, o vosso companheiro inseparavel, o que vos apresenta no mundo como senhoras, o que vos dá uma d'essas garridices convenientes em todos os lances da vida.

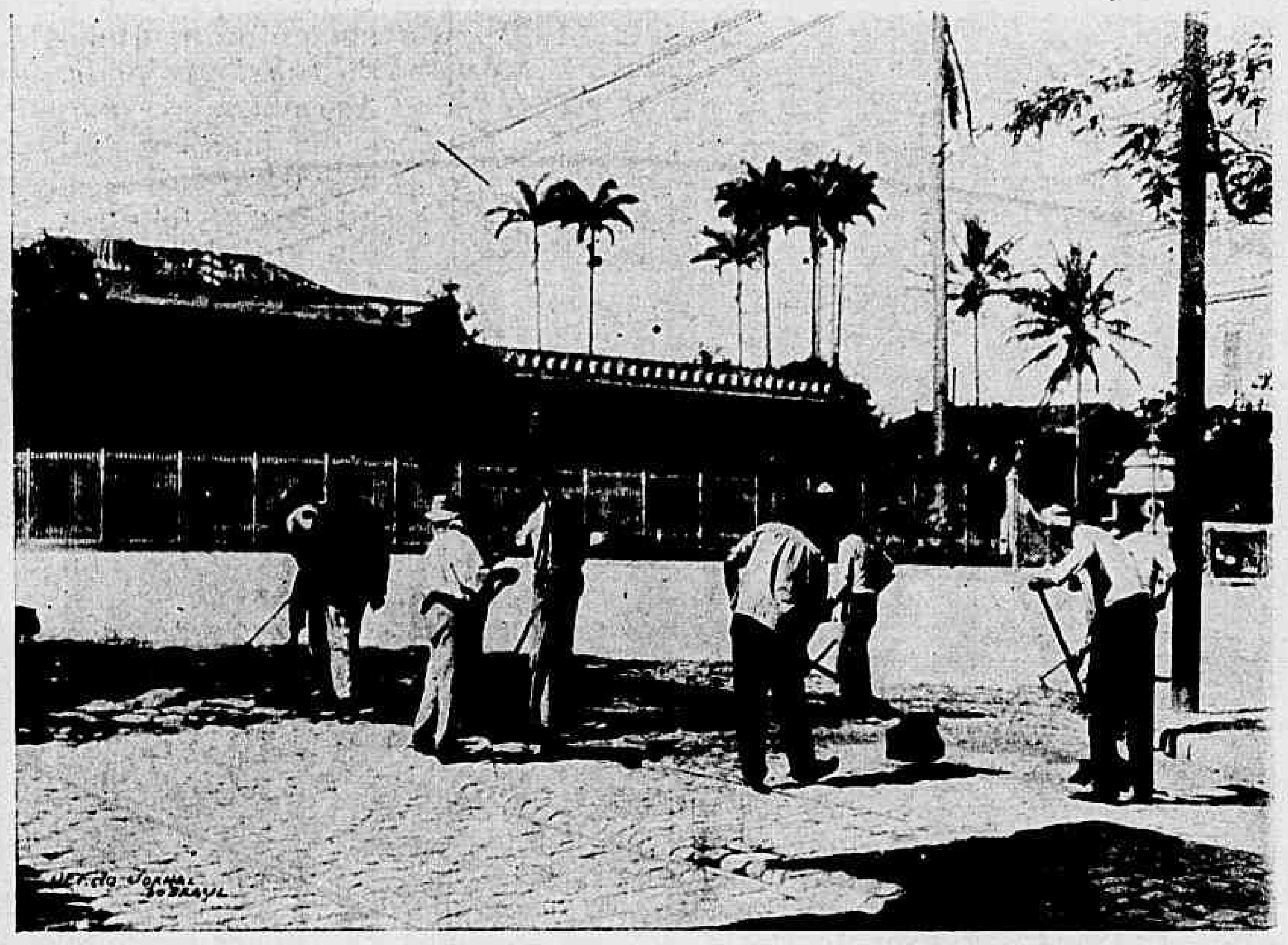
Nos salões, o ruido das vozes, a musica, os mil reverberos da luz despedida dos lustres e dos candelabros, tudo que constitue o prazer da convivencia distincta dá ao ambiente um tom pesado, que custa a respirar. E vós abrís o leque, agitaes com elle o ar, renovaes de oxygenio, por intermedio d'elle, os vossos pulmões contrariados até ali.

Entre amigas, conversaes d'alguem que não está longe. E o vosso leque lá está, confidente e solicito, sempre prompto, sempre ao vosso dispor para quebrar o som das palavras, para encobrir o rubor que vos haja innocentemente subido ás faces, para deixar passar por sobre si os vossos olhares investigadores ou naturalmente apprehensivos.

Se desejaes que vos não notem a direcção d'um olhar, o leque prestavos gentilmente os intersticios das varetas rendilhadas.

Alguma de vós para quem a natureza, porventura, não haja sido muito prodiga em dotes de belleza, tem no seu leque o mais fiel amigo, o mais ser um objecto de luxo, de bom tom, de *chic*.

Manejar um leque é uma das artes maravilhosas; por isso mesmo a devemos considerar como das mais difficeis. Agital-o com toda a graciosidade, eis o segredo mais recondito da polidez feminina, segredos cujos arcanos se não profundam sem grande estudo e aturada pratica.



Capital — Limpeza Pulbica

submisso escravo para suavisar o tédio das illusões perdidas.

E o riso, e os suspiros! O riso pode ser intempestivo na sua critica mordente, que o leque salvará as apparencias. Os suspiros podem soltar-se em todas as occasiões, se o leque os abafar com toda a sua discreção e os não denunciar pelas contracções do rosto.

Em summa, o leque é indispensavel a toda a dama de sociedade, sobre

Nas mãos de quem se não saiba servir d'elle, o leque fará lembrar um vasculho ou espanejador a sacudir a poeira; um espanta moscas, ou um abano a espevitar o lume.

O leque foi sempre muito querido das primeiras damas. Mme Pompadour possuia uma das mais ricas collecções de leques, de pannos magnificos e de varetas esculpidas finamente, adornadas das mais preciosas pinturas.

Maria Antonietta era uma verdadeira apaixonada pelos leques, distribuindo-os tambem, de delicados gostos, pelas suas amigas e açafatas, ou aias.

Citam se como leques celebres os de Mme Tallien e de Carlota Corday; ornavam-os diversas allusões aos acontecimentos mais fulgurantes da revolução.

O museu Carnavalet conserva uma collecção de leques importantissima.

Foi em 1829, no fim d'uma quadrilha Luiz XV, que se dançou nas Tuiherias, que os leques pintados resuscitaram em França. E então appareceram trabalhos artisticos de eximios decoradores, como: Horacio Vernet, Léon Cogniet, Ingres, Diaz, Gavarni.

A França moderna possue leques pintados por artistas celebres, como: Chaplin, Madeleine, Lemaire, Eugène Lambert, Leloir, Abbéma.

Entre nós, imperam lindissimos exemplares em todos os gostos, na maioria importados do que ha de mais fino e estonteante no estrangeiro, se bem que a industria nacional descure o assumpto.

Os leques têm seguido todas as modas, imitado todas as épocas, quer sahindo dos pinceis dos melhores artistas com os seus adornos preciosos, quer pedindo ás mãos de fadas os mais ricos bordados a ouro ou prata. Todavia, os leques de plamas mereceram em todos os tempos a preferencia das elegantes; são elles os que maior gravidade ostentam, desenrolando-se com a pomposa altivez das aves paradisiacas ao abrirem as suas encantadoras azas polvilhadas de scintillações fantasticas.

ADÃO E EVA

Foram estes os esposos mais felizes, pois não tiveram nem sogra, nem primos, nem amigos da casa. Adão só não gritou quando nasceu, mas gritou quando casou.

OS THEATROS

Scena da *Carmen*, representada por mimica, pela actriz Rosario Guerrero

A *Fada do Casal* foi a nota dos ultimos dias. Peça de costumes portuguezes, com muito pittoresco e bastante dramatico, representou a bem a Companhia do Recreio.

Ha a salientar, na interpretação Lucilia Peres e Helena Cavalier, Ferreira de Souza e Dias Braga.

Não quer isto dizer que os mais não concorressem para a harmonia do desempenho.

Muitos applausos na *première* e muitos applausos nas subsequentes noites.

A Companhia está a partir para S. Paulo.

Antes da partida, porém, realizar-se-á o beneficio do Juca, do grande Juca, do queridissimo Juca, no dia 30.

. ˙ . *O Esfolado* está mais crescido. Tem agora um quadro novo pela primeira vez representado na quinta-feira e com applausos de uma casa cheia.

Quer dizer que a revista iria muito longe, se a empreza não precisasse pôr em scena o *Não Venhas!...* (parodia ao *Quo Vadis?*) do nosso companheiro Baptista Coelho, musica da maestrina Chiquinha Gonzaga.

A peça está sendo ensaiada a capricho e promette ser um successo de gargalhadas.

. ˙ . O Casino tem sempre novidades a apresentar ao publico. Ainda esta semana houve varias estréas, de excellentes artistas chegados pelo *Danube*.

Scena da *Carmen*, representada por mimica, pela actriz Rosario Guerrero

. ˙ . Vae de vento em popa o *hall* de verão do Parque Fluminense, em que ha todas as noites expectaculos variado e interessantissimos e que podem ser assistidos por familias.

. ˙ . E mais não disse a semana, nem lhe foi perguntado.—**X**.

A VIDA SPORTIVA DE UMA COW-BOY

As immensas planicies do Texas servem exclusivamente para a creação do gado. A população, cujo total não excede de dous milhões de almas, acha-se dispersa nas herdades ou agrupada, aqui e acolá em pequenos centros de negocios como Corpus Christi e Austin. A administração das herdades está nas mãos dos cow-boys. Nesse paiz abundam as ciladas e perigos. A lista dos inimigos da humanidade é longa: comprehende as cascaveis tão numerosas que um cow-boy, ausente algumas horas da herdade, volta com uma duzia de chocalhos; a aveia selvagem, as tarantulas, as plantas e reptis venenosos.

A caminho

Comprehende-se que em taes descampados a mulher difficilmente possa viver. Poucas tentaram fazel-o.

Nos seus prolongados passeios atravez do paiz com um bando de desclassificados encontrou nelles um respeito que não teria podido obter da multidão que percorre os boulevards de Paris. Os seus companheiros supprimiram mais de uma vida humana mas ella foi juntar-se-lhes para partilhar da sua existencia, caçar o gato selvagem e arrebanhar o gado.

Uma heroina americana

As notas que publicamos são extrahidas do jornal de uma moça, escripto no regresso á herdade depois de muitos annos de ausencia n'uma escola de leste. Ella encontrou nos cow-boys companheiros rudes, selvagens, cavalheirescos e respeitosos. Na attitude dessa gente, nem sombra de familiaridade; são cavalheiros perfeitos; entregue á sua guarda, pode-se dormir sem receio.

A partida de Corpus-Christi

« Senti uma impressão desanimadora — escreve ella — quando, ás cinco horas da manhã, as mulas chegaram curveteando á porta de uma casa de Corpus-Christi, pretenciosamente appellidada *Hotel St. James*. As rodas atolavam-se na lama. Se tal era o estado da rua principal de um ponto commercial, como seriam as estradas da planicie? Estavamos a 24 milhas da herdade. Chegariamos lá? Emquanto empilhavamos na diligencia malas, espingardas e cães, procurava comprehender a palestra dos mexicanos e texenses, parados na rua, em volta do vehiculo. Ia ser julgado na cidade um assassino e o logar estava cheio de policiaes e testemunhas. Mas não era esse o assumpto da conversação. Entre o revólver carregado que o homem traz no cinto e uma prompta justiça, ha uma relação demasiado simples para que a morte pareça um mysterio ou para que um processo possa dispertar o interesse.

O pessoal fallava dos seus lucros ou perdas, da sua *sorte*, como elles dizem; das grandes chuvas que, muito serodias, não haviam podido salvar milhares e milhares de animaes. A planicie estava juncada de animaes, victimas da secca. Verifiquei que a unica preoccupação dos habitantes do Texas, era o gado e que absolutamente desprezavam tudo quanto não dissesse respeito aos rebanhos e manadas. Disse um adeus silencioso aos livros que trouxera da escola: o latim, a algebra, a rhetorica, de pouco podiam servir-me; deixal-os-hei dormir no fundo da mala.

No rancho; uma habitação no deserto

Tinhamos gasto seis horas a fazer vinte e quatro milhas. As mulas eram obrigadas a ir a passo, por vezes atoladas em lama até á barriga. Afinal, appareceu a herdade n'uma campina raza com um mattinho cinzento esverdeado que attingia por vezes, a altura de uma arvore pequena. A casa era baixa e cheia de recantos e os quartos abriam para uma larga varanda. A minha alcova, como aliás todas as outras, parecia ter sido construida para receber a maior somma possivel de ar puro: tinha duas portas e cinco janellas, abertas de par em par, emquanto no fogão ardia alegremente um tronco de arvore.

Um rancho no Texas

Enverguei immediatamente o meu costume de campo: calças, um saiote de pelle de ganso, muito amplo e facil de usar no selim de homem de que sempre me servi, camisas de flanella, jerseys de lã, polainas de couro; finalmente, uma espingarda e um revólver. Fui primeiro ao *curral*, logar onde ficam as mulas, e ás *stakes*, onde os cavallos ficam durante o dia. Trouxeram-me tres poneys. Logo vi que o terceiro *Rancho*, me não serviria. Ao romper da aurora, uma criada mexicana entrou com um alegre *Buenos dias, señorita* e uma tina de agua fria que eu acharia extremamente civilisada se não visse uma grande tarantula a passeiar nas bordas.

Em sella; atraz do gado

Tinhamos diante de nós um

Jim e a sua ama

Sport-Club—Grupo de directores, convidados e representantes da imprensa na corrida de 13 do corrente, realizada no Jardim Zoologico

grande dia de trabalho empregado em separar o nosso gado, do alheio, os novos dos velhos. Um bom cavallo faz isso sem governo. No meio da manada, empurra o animal escolhido para o recinto onde os moços o cercam e marcam com o ferro da herdade.

Esta montaria ao gado é tão excitante como o sport mais divertido. Quando alcancei o rancho, á noite, tinha feito mais de 50 milhas. Estava encantada e bem disposta. Seria capaz de acompanhar os encarregados de vigiar a manada: cavalgavam toda a noite, de um lado e outro, cantando, chamando e privinindo assim o gado da sua presença.

Um dia de caça; o gato selvagem

O dia seguinte foi consagrado á caça. Depois de ter percorrido a cavallo quinze milhas, encontramo-nos de repente á beira de um tanque coalhado de patos bravos. Matamos dous ou tres, no ar. Eu estava entregue aos cuidados de um cow-boy chamado Jim. Era um typo original, guarda do Texas, de uma milicia ou policia não official. Quando rebenta alguma bernarda, uma revolta de negros, por exemplo, chama-se essa milicia que restabelece a ordem.

Cavalgavamos tranquillamente, Jim parecia pouco loquaz. De tempos a tempos, tirava a pistola do cinto e no mesmo instante cahia um coelho. Depois de ver repetir a manobra varias vezes, perguntei-lhe:

— Jim, você já matou algum homem?

— Só mexicanos! Foi a sua resposta laconica.

Sabia que elle fôra requisitado durante os motins provocados pela recusa dos mexicanos em deixar-se vaccinar contra a variola.

Ao meio dia, sentamo-nos á sombra. O sol escaldava. Emquanto levavam os cavallos a beber, preparamos uma refeição frugal: café e sandwichs.

Nisto, um velho lobo pardo passou o focinho por entre o matto... Soou um tiro e homens e cães precipitaram-se sobre o animal moribundo.

Dei um suspiro de allivio quando a faca poz termo ás convulsões da agonia. Mas este começo tinha-nos excitado. Durante duas horas batemos o matto na esperança de encontrar algum gato selvagem.

Os cães corriam, latindo. De repente, um prolongado rugido de triumpho fez-nos partir numa corrida louca. A excitação parecia ter-se communicado aos cavallos. Diante de mim vi um pequeno animal pardo com uma cauda muito comprida; os cães perseguiam-n'o de perto. Como os nossos cavallos avançassem, saltando as moitas de espinhos, paramos de repente. O gato selvagem tinha pulado no matto e pelos seus rugidos comprehendemos que uma luta furiosa se travava entre elle e os cães. Um destes tinha uma pata horrivelmente mutilada. Tratei de cural-o.

— Cuidado! gritaram-me.

A cinco passos, quando muito, a fera escancarava para mim a guela rubra. Apontei-lhe a espingarda entre os olhos. Fiz fogo. Cahiu fulminada.

E como a noite cahisse rapidamente, puzemo-nos á caminho da fazenda.

Club Infantil—Directoria e alguns convidados

OS JANTARES

A etiqueta do jantar

(Conclusão do n. 188)

Logo que se senta volta-se o «menu». (Esquecendo-se esta ceremonia, não ha nenhuma inconveniencia).

Entre cada conviva um pequeno saleiro e uma garrafa, vinho e agua alternados.

A garrafa de vinho está ao lado do conviva masculino, que tem a seu cargo servir a dama que «conduziu» á mesa.

Os vinhos finos não apparecem sobre a mesa; quando se servem os criados apresentam as garrafas a cada conviva, nomeando as qualidades.

Depois do doce, apresenta-se aos convidados um prato mais pequeno, com um talher tambem pequeno e duas facas: uma de lamina d'aço, outra de lamina de prata (para as frutas).

A mesa tem sido desembaraçada saleiros, e de outros utensilios já dispensaveis e limpa de migalhas de pão.

Outro pãosinho é offerecido aos convidados, ao mesmo tempo que o prato para a sobremesa.

O queijo nunca figura sobre a mesa. O criado apresenta-o a cada um.

Em compensação, todos os pratos de sobremesa são admittidos, fazendo-se «pendant», desde o começo do jantar.

A lei da mesa

Os donos da casa não fazem nenhuma reflexão sobre a qualidade dos vinhos e dos pratos.

Esforçam-se por apresentar um bom «menu» e vinhos excellentes, e não deve dar-se o caso de terem que pedir desculpa aos seus convivas; gabar o seu jantar seria ainda mais ridiculo e menos delicado.

Se tambem o jantar não tem estado «á altura» os convidados não o devem dar a perceber.

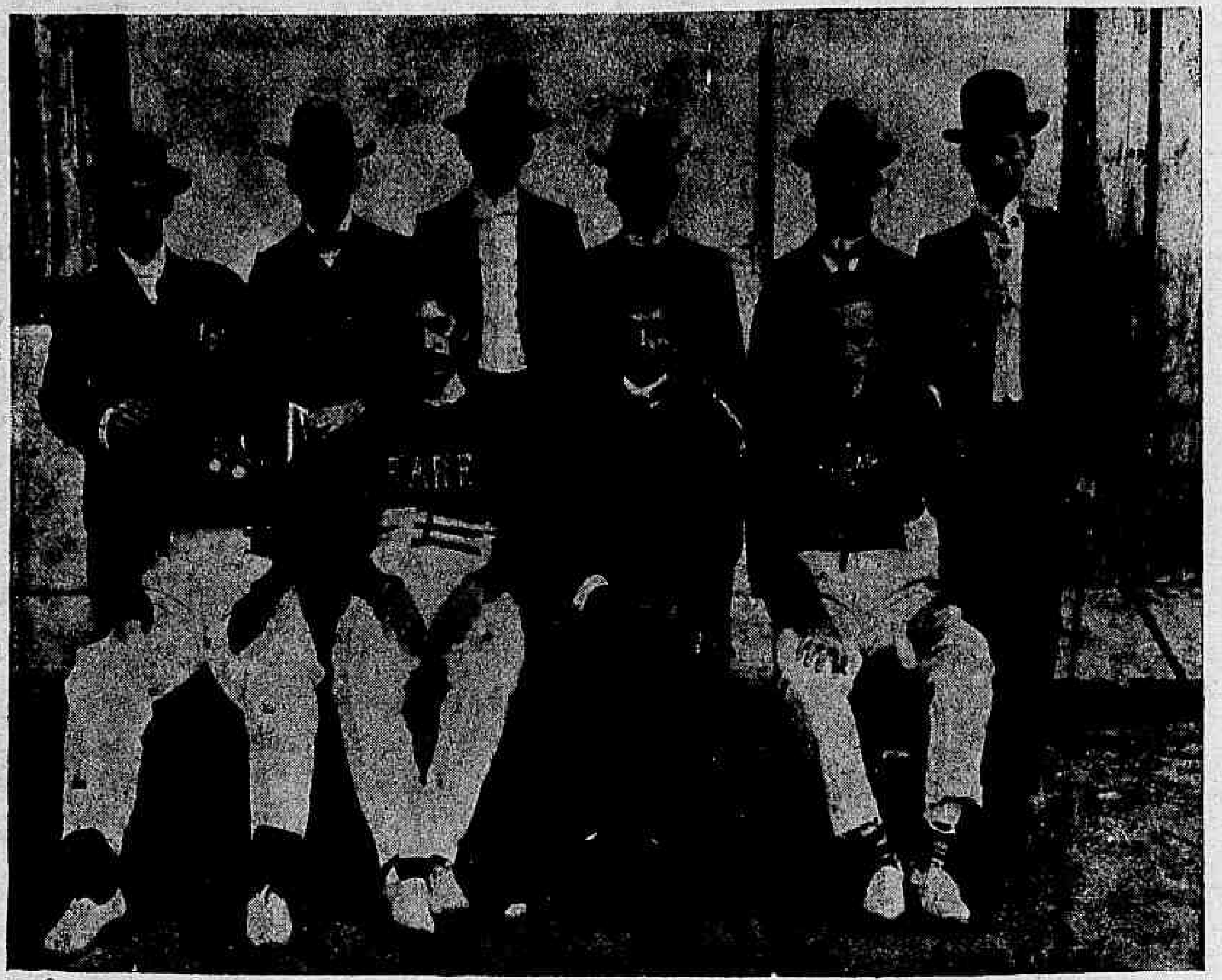
Come-se de boa vontade o que se offerece, como se fosse muito bom; é um pequeno esforço que se faz para não se confundir os donos da casa.

Recebemos:

O *Tagarela*, n. 95, que está scintillante de *verve* e apresenta magnifica e variada leitura;

— A *Rua do Ouvidor*, que está como sempre, interessante e variada.

Club Infantil—Convidados que tomaram parte na bella *matinée* inaugural, realizada a 6 do corrente no formoso parque do sr. Heitor Ribeiro da Cunha, á rua Haddock Lobo 146



Pelotari-Club — A directoria e os representantes da imprensa na festa anniversaria de domingo

OS CUMPRIMENTOS

O APERTO DE MÃO

Entre os romanos a mão era o emblema da fidelidade, e o enlace das mãos no casamento e outras ceremonias solemnes, em uso quasi em todo o universo antigo e moderno, é uma prova de que o aperto de mão foi considerado por assim dizer indistinctamente, como o symbolo da união dos corações. Mas, como em muitas outras cousas, o enlace das mãos cahiu da sua alta dignidade, da sua piedosa significação. E' hoje apenas uma acção banal, se não inconsciente; é unicamente o «aperto de mão» prodigalisado a todos inconsideradamente, ou o brutal «shake-hands» inglez (litteralmente: sacudir a mão).

Todavia, se o enlace das mãos perdeu todo o seu valor, no nosso velho mundo, como testemunho de affeição ou signal de lealdade, apresenta ainda um ponto de vista interessante ao observador, porque muitas vezes da nossa maneira de offerecer a mão ou de apertar aquella que nos estendem pode se deduzir o nosso caracter. Mas, antes de tudo, devemos occupar-nos do aperto de mão com relação á etiqueta.

Não se estende a mão ás pessoas que se vêem pela primeira vez, logo ao começo da nossa visita, a não ser por consequencia d'um movimento benevolente, caritativo, para se animar, ou, ainda, se são pessoas enviadas por um amigo commum, e afim de não fazer mentir o proverbio: «Os amigos dos nossos amigos»... etc.

Ao fim d'uma primeira entrevista tambem não se dá a mão, se relações de sociedade ulteriores não devem estabelecer-se entre os dous interlocutores. Todavia acontece á primeira vista nascer uma sympathia tão viva que impelle as duas pessoas. N'esse caso, se se foi subjugado e se percebe que não se desagradou, pode-se estender a mão; é a manifestação exterior d'um sentimento quasi irresistivel que acaba de desabrochar no nosso coração. Por se-ha n'este gesto espontaneo uma *nuance* de reserva, de timidez, como se se dissesse: Arrisco-me em me apresentar demasiado familiar. E effectivamente esta maneira rapida de proceder poderia fornecer assumpto a criticas.

Um homem não é nunca o primeiro a estender a mão a uma senhora. Ella é que deve ter a iniciativa d'este movimento. «E' a rainha a primeira que falla» e, sob o ponto de vista da etiqueta, a mulher e a rainha, têm, pelo menos, privilegio sobre o homem.

A senhora, estendendo a sua mão ao cavalheiro, parece dizer-lhe: V. Exa. é muito conhecido, ou tem-me dado muitas provas de boa educação, de firmeza de caracter para que eu lhe *conceda* este testemunho de confiança.

Serve para as donzellas o mesmo exemplo que para as senhoras casadas.

Pelas mesmas razões, ou quasi, um homem não estende a mão ao seu superior, espera que este lh'a offereça e deve offerecer-lh'a. Queremos fallar tambem da superioridade da edade. As meninas e as senhoras devem esperar que as damas mais respeitaveis lhes estendam a mão.

Quando um homem aperta a mão a uma senhora não deve estreital a com tal força como a um amigo. Faz-lhe simplesmente sentir o enlace da sua mão e inclina-se em signal de respeito e de reconhecimento. Procederá do mesmo modo com os homens collocados em posição superior á sua, principalmente pela edade, mas pode apertar-lhes a mão um pouco mais forte.

Ha poucas pessoas que apenas tocam a mão. Isso é uma impertinencia.

O aperto de mão deve ser franco. Evitemos offerecer a mão, ou deixar que nol'a offereçam, se não queremos estreitar aquella, que se estende para nós. Essa maneira de dar a mão indica um caracter falso ou muito desconfiado, e com elle implica tambem o orgulho e o desdem.

Aquelles que nos estendem apenas um ou dous dedos não são mais delicados; por outra, revelam a sua natureza fria, indifferente ou muito egoistamente reservada. E' egualmente uma falta de educação demorar muito uma mão entre as suas.

Se o aperto de mão tivesse permanecido como um signal de amisade ou de estima, seria sempre perfeito, sem que houvesse necessidade de estudo ou de reflexão. O movimento do coração lhes communicaria a extensão exacta.—Ultimo detalhe: é sempre a mão direita que se offerece.

A etiqueta austriaca—a mais meticulosa depois da de Hespanha—exige que o imperador não aperte nunca a mão ás pessoas que o saudam. Uma ligeira inclinação de cabeça e um sorriso são bastantes.

Uma excepção se abre para os soberanos e para os ministros; mas, ainda n'este caso o imperador deve simplesmente tocar com as pontas dos dedos a palma das mãos tremulas dos que o cortejam, retirando-os immediatamente.

A etiqueta russa prohibe egualmente ao tzar apertar a mão, a não ser aos soberanos; mas em compensão tem-lhe reservada uma prerogativa, ou antes, um dever, que não deixa de ter o seu lado agradavel: o de beijar suas primas, que são muitas... Será bom accrescentar que o tzar é um marido modelo.

Tambem na Russia, na cidade de Kazsan, se fundou ha pouco tempo um *club* sob a designação: «Não mais apertos de mão».

O presidente é um dos principaes advogados da cidade. Um simples cumprimento é o bastante entre os socios.

As damas que vão ao *club* apenas são cumprimentadas com uma profunda cortezia, comtudo se alguma estende a mão é permittido beijar-lh'a.

Pelotari-Club — Aspecto das archibancadas na festa do seu 1º anniversario

Bogary-Club — Grupo de directores e socios fundadores desta sociedade familiar, que festejou hontem o 3º anniversario da sua fundação

O athleta Antonio Lage, socio do Club de Regatas Boqueirão do Passeio e unico *sportsman* do Rio que se atreveu a lutar com o campeão Fitzsimmons